



Sons e silêncios⁽⁴⁾

Mudam-se os tempos, não se mudam as cortinas

Quando os Conservatórios surgiram em Itália no séc. XVI, não se imaginava que se iriam transformar na principal rede europeia de escolas de música. A palavra teve origem no latim "conservare", visto que o Conservatório tinha por principal meta "guardar" ou "conservar" crianças órfãs. A ideia de lhes ensinar música prendia-se com o facto de a Igreja mais facilmente lhes arranjar trabalho como meninos de coro ou, posteriormente, na ópera. Desta maneira, as escolas de música nasceram no seio dos Conservatórios, tomando-lhes o nome.

Em Portugal é no séc. XIX, mais concretamente cerca de 1835, que se cria o primeiro Conservatório de Música, em Lisboa, tendo como director o compositor João Domingos Bomtempo. Curiosamente, o projecto tinha intenções sociais idênticas às dos primeiros conservatórios italianos, já que era anexo à Casa Pia, e procurava assim educar musicalmente os órfãos. O Conservatório surgiu também para colmatar a falta causada pela extinção do Seminário da Sé Patriarcal, vindo por essa razão tornar acessível o ensino da música também às mulheres.

No Porto, o Conservatório de Música surge em 1917, tendo como director-fundador Bernardo Valentim Moreira de Sá, que além de violinista, maestro e

musicólogo, tinha obras publicadas nas áreas da aritmética, línguas, geometria, história das artes plásticas, contabilidade e escrituração comerciais, solfejo e técnica do violino. Um nome que honra hoje uma academia de música de Guimarães.

A Braga, o Conservatório de Música chegou pela mão de Maria Adelina Caravana em 1958. Foi o terceiro Conservatório a ser criado no país, logo seguido do de Aveiro em 1960. Tendo terminado o seu Curso Superior de Piano no Conservatório do Porto em 1956 como discípula de Helena Moreira de Sá e Costa (neta do fundador do Conservatório do Porto), Adelina Caravana foi o principal motor da instituição bracarense, desde os tempos em que funcionou na Rua de S. Lázaro, e no Campo Novo (aqui, num espaço cedido por seu pai), até às atuais instalações na Rua Fundação Calouste Gulbenkian, para as quais chegou a contribuir financeiramente.

Porquê, então, o título desta crónica? Simplesmente porque é necessário que se saiba que as lindas cortinas verdes que eu própria conheci nas janelas e no auditório grande do Conservatório de Braga em 1974, e que já lá estavam há alguns anos antes de eu chegar... são as mesmas que lá estão hoje, qual renda surrealista, evocando a habitação de um qualquer Conde Drácula, que tenha por hábito pernoitar no côncavo dos pianos de caudal! É compreensível que as parcas verbas disponíveis (particularmente desde a passagem de adminis-

tração do conservatório da Fundação Gulbenkian de Lisboa para o Ministério da Educação) se devam aplicar primeiro na reparação dos tectos, para evitar humidades nos instrumentos e, depois, na afinação dos próprios instrumentos. Mas não é aceitável esta aparência de degradação causada por cortinas de três décadas nas janelas da fachada e no auditório (o qual é frequentemente solicitado, também, para encontros e conferências de outra natureza). O estado em que se encontram estas cortinas torna o ambiente deprimente e sugestivo de um abandono bem contrário à actividade intensa que lá ocorre. Afasta até potenciais candidatos, cujos pais projectam para o interior e para o próprio funcionamento da escola, a imagem exterior de degradação, que é reforçada pela falta de pintura.

Tendo em conta o grande empenho de sucessivas direcções no bom funcionamento do Conservatório, e o papel deste, ao longo de quatro décadas, na formação de músicos, professores e (nunca é demais dizê-lo) ouvintes, para a região, é caso para recordar o ditado popular que diz "Não basta sê-lo: é preciso parecê-lo!". Braga deve acarinhá-la esta instituição e contribuir para a preservação das suas instalações; deve ter orgulho no único edifício nacional que foi projectado de raiz para ser uma escola de artes: com dois auditórios, salas de aula para o estudo de instrumentos, biblioteca com cabines de audição e leitura de partituras, cabi-

nes de estudo com piano, sala de ballet com espelhos e estrados, auditório para espectáculos ao ar livre, salas para artes plásticas e revelação de fotografia, entre outros espaços. O projecto arquitectónico original é uma delícia para o olhar. É preciso não esquecer que esta não é uma escola particular, acessível apenas a uns tantos privilegiados: é uma escola pública, aberta a todas as crianças que a ela se candidatem mediante provas de aptidões específicas. É uma escola que pretende oferecer àqueles que nasceram com um talento especial para a música, a possibilidade de realizarem a sua vocação. Infelizmente, dada a situação da música no ensino genérico, é uma escola onde acorrem muitos pais que buscam

para os seus filhos apenas a educação musical que lhes falta no ensino genérico, independentemente de os filhos terem ou não uma vocação especial para a música. É preciso compreender que a formação de professores e a melhoria do ensino da música no ensino genérico passa também pela atenção que se dá aos Conservatórios e Academias enquanto escolas vocacionais de formação dos futuros professores. É delas que saem também os músicos que virão a integrar orquestras profissionais.

Que neste tempo em que a Europa do Norte já percebeu que as artes, além de serem fulcrais na formação dos cidadãos, não dão prejuízo e, pelo contrário, contribuem até para o desenvolvimento e projecção

socio-cultural de uma região, Braga possa tomar consciência do seu passado musical, e reinvestir, pelo menos, nas instituições existentes, das quais o Conservatório de Música é um dos exemplos mais óbvios. Que também as empresas ponham em prática projectos de mecenato cultural de apoio às artes, conforme o previsto na lei, e como já se vai verificando noutras regiões do país, com o apoio das empresas mais prestigiadas do mercado. Que nunca esqueçamos que, para termos uma cidade bela, para termos beleza à nossa volta, é preciso investir na formação de... profissionais do Belo!

Sugestões de Concertos

Sexta-feira, 4 de Maio — Celorico de Basto — Cine-teatro, 21h30.

Domingo, 6 de Maio — Caldas da Saúde — Teatro do Instituto Nun'Álvares, 18h00: Concerto de violino (Nuno Soares) e orquestra (Artave) com direcção do maestro Ernst Schelle.

Programa: Wagner — Prelúdio de "Tristão e Isolda"; Sibelius — Concerto para violino; M. Bruch — Suite sobre melodias populares russas; C. Franck — O caçador maldito. Entrada livre.

Quinta-feira, 10 de Maio — Guimarães — Auditório da Universidade, 17h00h. "O Gato das Notas" — produção musical para crianças, de Paulo Rodrigues.

Quarta-feira, 16 de Maio — Braga — Instituto de Estudos da Criança, 18h30: Quarteto de Cordas e Quinteto de Metais. Alunos da Escola Profissional Artave. Concerto integrado no programa Recitais de Jovens Músicos. Entrada livre.

Quinta-feira, 11 de Maio a Sábado, 19 de Maio — Guimarães — Encontros da Primavera: 11 de Maio — Orquestra nacional do Porto; 16 de Maio — Paulo Gaio Lima (violoncelo) e Miguel Borges Coelho (piano); 17 de Maio — Filipe Pinto-Ribeiro (piano); 18 de Maio — Trio "Lov"; 19 de Maio — Orquestra Sinfónica Juvenil.